

vivamente esses problemas e julgam o futuro da Pátria e da Igreja comprometido neles, a carta de V. Ex.^a Revm.^a é verdadeiro motivo de alegria e de esperança. Esses católicos têm, na verdade, experimentado muitas vezes a amargura do desamparo. Querem, como católicos, actuar no mundo, afirmando as posições que a sua consciência cristã lhes exige; mas, perante o facto da acomodação ou mesmo da identificação prática e de algum modo oficial, do catolicismo português a posições ou situações contrárias, nos próprios princípios, às que eles defendem, são com frequência levados a sentir-se abandonados e talvez no erro. Não retiram a sua confiança à Igreja, não; mas perdem esperança, ganham dúvidas, retraem-se, abdicam, desistem não raro. Porque é difícil, muito difícil em tais circunstâncias, resistir e persistir. A carta de V. Ex.^a Revm.^a, porém, muda muito a estrutura da circunstância. Só por isso se torna imensa a gratidão que por ela é devida.”

O Reino de Deus no pensamento de D. António Ferreira Gomes

Ainda que perpassa o pensamento de D. António, a temática do Reino de Deus não se encontra tratada de forma sistemática nos seus escritos. A locução «Reino de Deus» afluí, de modo explícito, mas quase sempre solto, em vários dos seus escritos. O caso mais conhecido parece ser a Carta 5 das suas conhecidas Cartas ao Papa ¹.

Nessa Carta 5, D. António aponta Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Homem livre e libertador ², «profeta desarmado» e sem créditos ³, desestabilizador de todos os «estabelecimentos» ⁴, como modelar pregador do Reino de Deus, em parábolas ⁵. E refere que a missão da Igreja consiste, hoje, em pregar este pregador do Reino e aquilo que Ele pregava, isto é, o Reino ⁶, ressaltando embora que tenha sido sempre difícil, como o é ainda hoje, compreender em todas as suas dimensões o que se deva assumir como conteúdo da pregação do Reino de Deus ⁷.

¹ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa sobre alguns Problemas do nosso Tempo Eclesial pelo Bispo Resignatário do Porto*, Porto, Figueirinhas, 2.^a ed., 1987, p. 89-115.

² D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 94.

³ Nenhum crédito reconhecido o precede. Não faz parte de nenhum grupo conhecido. Provém de uma aldeia escondida. Os seus dados anagráficos são irrelevantes. «Ensinava-os como tendo autoridade, e não como os escribas» (Mc 1,22). É É no próprio acto de se apresentar e de falar que nasce a sua autoridade. D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 94. Ver também J. DELORME, *Prises de parole et parler vrai dans un récit de Marc (1,21-28)*, in P. BOVATI, R. MEYNET (eds), *Ouvrir les Écritures. Mélanges offerts à Paul Beauchamp à l'occasion de ses soixante-dix ans*, Paris, Cerf, 1995, p. 183-185.

⁴ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 94.

⁵ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 98.

⁶ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 89.92.99.101.104-105.

⁷ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 93.

Depreende-se ainda que esta pregação deve ser feita sempre, parabolicamente, para quem quiser ouvir; isto é, deve ser feita por uma Igreja fiel e obediente, livre e despertadora de liberdade, para quem quiser ousar viver, não de forma arrogante, autocrática e autosuficiente⁸, mas recebendo-se permanentemente como um dom, a que, empenhando a sua liberdade, deve responder⁹.

As páginas que aqui apresento constituem uma breve reflexão pessoal, em jeito de recepção, sobre alguns dos temas mais importantes e sua articulação – como «Jesus Cristo e o Reino de Deus», «Jesus Cristo, o Reino de Deus e a Igreja», «a dinâmica pedagógica do Reino», «Deus, a consciência, a Igreja e o mundo» –, abordados por D. António Ferreira Gomes na já mencionada Carta 5, e aqui iluminados por novos dados bíblicos e outros importantes textos do magistério. Abordagem não implica resolução. Resolução de temáticas tão densas não cabia no espaço nem se adequava ao jeito de uma carta. Uma carta é sobretudo exposição e comunicação. Não, porém, comunicação decorativa, mas testemunhal, explicativa e implicativa, como D. António diz na Carta que serve de Prefácio a estas «Cartas ao Papa»¹⁰. Respeitarei o espaço e o jeito nestas páginas.

Jesus Cristo e o Reino de Deus

«O Reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, *uma Pessoa* com um rosto e um nome: Jesus de Nazaré, “imagem do Deus invisível”» (CI 1,15). A definição, densa e rigorosa, pode ver-se na Carta Apostólica *Redemptoris Missio* [= RM], n.º 18¹¹. Lembra a genial fórmula de Orígenes, que se encontra no seu «Comentário sobre o Evangelho segundo Mateus»: Jesus é a *autobasileia*, a personificação do Reino¹².

Mas já os Evangelhos sabem que a história de Jesus que transmitem é a história da manifestação de Deus entre nós. E que não é a simples história de um homem sábio e justo, que nos vem ensinar, ainda que de modo exemplar, como devemos estar diante de Deus. Isso já nós sabíamos e

⁸ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 112-113.

⁹ Ver também D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Igreja e Liberdade*, in *Igreja Portuguesa*, 36, 1977, p. 5-27.

¹⁰ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 9-19.

¹¹ De João Paulo II, de 7 de Dezembro de 1990.

¹² B. T. VIVIANO, *Le Royaume de Dieu dans l'histoire*, Paris, Cerf, 1992, p. 67-68; A RIZZI, *Gesù e la salvezza. Tra fede, religione e laicità*, Roma, Città Nuova, 2001, p. 51.

estamos já aptos a saber antes de ler ou ouvir qualquer Evangelho. Não seria notícia, portanto. Notícia, e boa, é que Jesus, sendo o Filho de Deus feito Homem verdadeiro no meio de nós, nascido, crescido, baptizado, confirmado, morto e ressuscitado, tenha vindo mostrar-nos, não como nós devemos estar diante de Deus, mas como é que Deus está diante de nós, em relação a nós. Não como nós nos devemos comportar com Deus, mas antes disso, sempre antes disso, como é que Deus se comporta conosco. É este o espaço da inaudita notícia e da surpresa¹³. João Paulo II, no belo e fundo dizer da Encíclica *Redemptor Hominis*¹⁴, n.º 10, ao falar da Encarnação e da Redenção de Cristo que revela o homem a si mesmo, fala de «maravilha» e «profunda estupefacção a respeito do valor e dignidade do homem», e diz que é a «esta estupefacção que se chama Evangelho ou Boa Nova». D. António cita este texto na «Palavra de Apresentação» do primeiro número da nossa Revista «Humanística e Teologia»¹⁵.

No mesmo surpreendente sentido, bíblicamente, também o Reino de Deus¹⁶ não é, antes de mais, o além, o mundo extra-histórico e extra-mundano a alcançar depois da morte, e aqui, na terra, intensamente suspirado e projectado para satisfazer os nossos anseios e desejos; não é o fim para o qual o homem tende espontaneamente ou pelo qual é atraído; não é a nossa ida para, mas a vinda, o ad-vento de um sentido novo que vem pôr em crise o nosso mundo de poder e posse, introduzindo nele o *éschaton*, o ultimal, o que verdadeiramente conta e permanece, a bondade radical e a benevolência¹⁷.

Cristo-que-vem é o Reino-de-Deus-que-vem. O imaginário de Israel concebe Deus a reinar, sentado sobre o Propiciatório (*kapporet / hylastêrion*) da arca, de entre os querubins (Ex 25,10-22; Sl 99, 2), verdadeiro trono de Deus-que-reina, isto é, salva, justifica (= transforma o pecador em justo), portanto, perdoa e recria, dado que transformar um pecador em justo é fazer novo o velho homem, acto criador.

¹³ B. MAGGIONI, *Le parabole evangeliche*, Milão, Vita e Pensiero, 1992, p. 13.250.

¹⁴ De 4 de Março de 1979.

¹⁵ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Palavra de Apresentação*, in *Humanística e Teologia*, 1, 1980, p. 6-7.

¹⁶ A circunlocução «Reino de Deus» ou «dos céus» encontra-se uma só vez no AT (Sb 10,10). O AT emprega o mais concreto «Deus reina». A circunlocução abstracta «Reino de Deus» conta-se por 128 vezes no NT, das quais, 104 vezes nos Sinópticos (51 em Mateus, 14 em Marcos, 39 em Lucas). Fora dos Sinópticos, esta locução é pouco usada: 2 vezes no Evangelho de João, 2 vezes no Apocalipse, 8 vezes nos Actos dos Apóstolos, 1 vez na Carta aos Hebreus, 1 vez na Carta de Tiago. B. T. VIVIANO, *Le Royaume de Dieu dans l'histoire*, p. 18; E. DAL COVOLO, «Regno di Dio» nella letteratura cristiana dei primi due secoli, in *Ricerche Teologiche*, 16, 2005, p. 431.

¹⁷ C. DI SANTE, *Il futuro dell'uomo nel futuro di Dio. Ripensare l'escatologia*, Turim, Elle Di Ci, 1994, p. 44.

Jesus Cristo, o Reino de Deus e a Igreja

Diz outra vez, de forma exemplar, a Carta Apostólica *Redemptoris Missio*, n.º 20: «A Igreja está efectiva e concretamente ao serviço do Reino. Serve-o, em primeiro lugar, com o anúncio que chama à conversão. Este é o primeiro e fundamental serviço à vinda do Reino para cada pessoa e para a sociedade humana. (...) A Igreja serve ainda o Reino, fundando comunidades, constituindo Igrejas particulares, levando-as ao amadurecimento da fé e da caridade, na abertura aos outros, no serviço à pessoa e à sociedade, na compreensão e estima das instituições humanas. (...) Além disso, a Igreja serve o Reino, difundindo pelo mundo os “valores evangélicos”, que são a expressão do Reino e ajudam os homens a acolher o desígnio de Deus. É verdade que a realidade incipiente do Reino se pode encontrar também fora dos confins da Igreja, em toda a humanidade, na medida em que esta viva os “valores evangélicos” e se abra à acção do Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3,8). (...) A Igreja serve o Reino também com a sua intercessão, uma vez que este, por sua natureza, é dom e obra de Deus, como lembram as parábolas evangélicas e a própria oração que Jesus nos ensinou. Devemos pedi-lo, para que seja acolhido e cresça em nós»¹⁸.

Cristo vem. O Reino vem. A Igreja pede a sua vinda, acolhe-o e serve-o. Acolhe-o em cada homem e serve-o a cada homem debaixo de qualquer céu.

Essa vinda não se processa, porém, como uma luz que cega, mas como uma luzinha que simultaneamente ilumina e esconde; não como uma evidência que esmaga ou subjuga o homem, produzindo efeito automático independentemente do homem, mas como quando uma criança pobre e frágil se entrega a nós, solicitando os nossos braços e benevolência, suscitando a adesão da nossa esconde; não como uma evidência que esmaga ou subjuga o homem, produzindo efeito automático independentemente do homem, mas como quando uma criança pobre e frágil se entrega a nós, solicitando os nossos braços e benevolência, suscitando a adesão da nossa vontade e inteligência para uma resposta que não seja uma imposição, mas um acolhimento livre, voluntarioso, inteligente, benevolente, verdadeiramente humano¹⁹.

¹⁸ Ver também C. M. MARTINI, *Nel Sabato del tempo. Discorsi, interventi, lettere e omelie* 2000, Bolonha, EDB, 2001, p. 347-348.

¹⁹ É este o discurso inteligente de Bruno Maggioni sobre as parábolas. B. MAGGIONI, *Le parabole evangeliche*, p. 8-9; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo. Rivisitando la figura di Gesù nei Vangeli*, Milão, 2001, p. 7.

A Igreja acolhe e serve Cristo-que-vem que é o Reino-de-Deus-que-vem.

A parábola ou a força da fragilidade

É aqui que entra a comunicação em parábolas: não esmagadora e impositiva, mas provocante e libertadora, solicitando sempre a resposta livre do homem. Importa começar pelo oráculo da vocação e missão de Isaías:

«⁹Ele disse: “Vai e diz a este povo: escutai escutando, e não compreenderdes; vede vendo, e não conhecereis. ¹⁰Engorda o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, gruda-lhe os olhos, para que não veja com os seus olhos, e não oiça com os seus ouvidos, e não compreenda com o seu coração, e não se converta e não seja curado” (*rapha*). ¹¹E eu disse: “Até quando, Senhor?” Ele disse: “Até que fiquem desertas as cidades, sem habitantes, e as casas sem gente, e a terra deserta e desolada, ¹²e YHWH remova para longe a gente, e muita solidão no interior do país. ¹³E se ficar nele ainda um décimo, será por sua vez lançado ao fogo, como o carvalho e o terebinto que são abatidos, ficando lá apenas um toco (*matstsebet*). Semente santa é esse toco (*matstsebet*)”» (Is 6,9-13).

Nele, Isaías recebe a estranha missão, à primeira vista totalmente votada ao fracasso, de falar para embotar o coração do povo, para lhe tapar os ouvidos e os olhos, para que não veja com os olhos nem oiça com os ouvidos, para que não compreenda, não se converta e não seja curado... Até quando, pergunta Isaías? Até que as cidades fiquem desertas, as casas vazias, o solo se reduza a um ermo, YHWH remova para longe os seus homens... até que fique só um resto, um «toco» (*matstsebet*) que será uma semente santa, responde YHWH.

Esta é a verdadeira parábola da palavra e do profeta²⁰, que reclama, em belíssimas inclusões, dentro do Livro de Isaías o Servo de YHWH, dito «“raiz” (*shoresh*) que brota “da terra seca” (*me’erets tsîyah*)» (Is 53,2), o rebento do tronco de Jessé (Is 11,1), o deserto que floresce e se enche de torrentes de água (Is 35), e fora do Livro de Isaías, mas ainda dentro do Livro, Cristo que nasce verdadeiramente do madeiro, a que podemos

²⁰ A verdadeira palavra e o profeta verdadeiro não carregam uma evidência que esmaga ou subjuga o ouvinte. Antes, no seu aspecto frágil e aberto, solicitam a inteligência e a implicação do ouvinte, pedindo-lhe uma resposta que não seja uma imposição, mas um acolhimento livre, verdadeiramente humano. B. MAGGIONI, *Parabole evangeliche*, p. 8-9; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo*, p. 7.

ainda associar, já fora do Livro, mas não fora de Cristo, a Igreja, na parábola dos vinte séculos da sua história sofrida, como também refere D. António ²¹.

Na verdade, o povo não ouviu o profeta-servo ou o servo-profeta, mas maltratou-o e assassinou-o, como sucedeu, de resto, no dizer do Evangelho, com todos os profetas, desde Abel até Zacarias (Lc 11,50-51; cf. Mt 23,35) ²². Mas vendo-o agora (Is 52,14-15), já sem dizer palavra (Is 53,7) ²³, podemos ainda reconhecer no seu aspecto disforme e nas suas feridas as nossas transgressões (Is 53,4.6.8.11.12) e a nossa cura (Is 53,5; cf. 1 Pe 2,24) ²⁴. Da mesma maneira fracassou o Profeta definitivo (Mt 13,14-15), que assumiu sobre si a missão de Isaías (Mt 13,14-15), com a declaração taxativa de que «não falava senão em parábolas» (Mc 4,34). Até que foi «exposto por escrito» (*proeográphê*), «crucificado» (*estauróménos*) «diante dos (vossos) olhos» (*kat' ophthalmouís*) (Gl 3,1) ²⁵, tornando assim «a palavra da Cruz» (*ho lógos tou staurou*) (1 Cor 1,18) um espectáculo (*theória*) (Lc 23,48) para os olhos, «Escritura» que concentra e interpreta em si toda a «Escritura» ²⁶. O crucificado, tal como o Servo de YHWH, não abriu a boca (Is 53,6), mas foi «exposto por escrito diante dos (vossos) olhos», de tal modo que «hão-de ver (*ideîn*) ²⁷ aquele que trespassaram» (Jo 19,37; cf. Zc 12,10)! De facto, «todas as multidões, vendo o espectáculo das coisas acontecidas, regressaram batendo no peito» (Lc 23,48; cf. Ap 1,7), do mesmo modo que todos quantos viram o Servo de YHWH (Is 52,14-15), reconheceram no seu aspecto disforme e nas suas feridas as suas transgressões (Is 53,4.6.8.11.12) e a sua cura (Is 53,5; cf. 1 Pe 2,24) ²⁸.

A Cruz é uma profecia para os olhos. Ela expõe o espectáculo do nosso pecado, da nossa malvadez (quem crucificou aquele inocente?), mas

²¹ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Cartas ao Papa*, p. 98.

²² Lucas inclui explicitamente Abel entre os profetas. Assim, temos o primeiro e o último assassínios de profetas relatados na Bíblia hebraica, respectivamente Gn 4,8 e 2 Cr 24,20-22, dado que o Livro do Génesis abre o cânon da Bíblia hebraica e o 2 Livro das Crónicas fecha-o.

²³ Mas parece ser depois de morto que o profeta fala verdadeiramente (Hb 11,4). O texto citado refere-se a Abel, que, em vida, não disse uma palavra.

²⁴ P. BEAUCHAMP, *D'Une montagne à l'autre. La loi de Dieu*, Paris, Seuil, 1999, p. 230-231.

²⁵ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps. Essais bibliques*, Paris, Cerf, nova edição aumentada, 1992, p. 87.

²⁶ P. BEAUCHAMP, *Jésus Christ n'est pas seul. L'accomplissement des Écritures dans la Croix*, in *Recherches de Science Religieuse*, 65, 1977, p. 259-262; Ch. REYNIER, *Le langage de la croix dans le corpus paulinien*, in J. SCHLOSSER (ed.), *Paul de Tarse. Congrès de l'ACFEB (Strasbourg, 1995)*, Paris, Cerf, 1996, p. 361-373.

²⁷ No quarto Evangelho, este verbo ver (*horáô*), infinito aoristo *ideîn* (donde identidade), implica um ver para além das aparências para alcançar o íntimo de uma coisa ou de alguém, a sua identidade. B. MAGGIONI, *Era veramente uomo*, p. 151.

²⁸ P. BEAUCHAMP, *La loi de Dieu*, p. 230-231.

também e sobretudo o espectáculo do perdão de Deus ²⁹. Jesus tinha, de facto, dito: «Quando eu for levantado (*hypsôô*) da terra, atrairei (*hélkô*) todos a mim» (Jo 12,32). E já antes tinha associado o seu «levantamento» com o da cobra no deserto: «Como Moisés levantou (*hypsôô*) a cobra no deserto (Nm 21,8-9), assim é necessário (*dei*) que seja levantado (*hypsôô*) o Filho do Homem» (Jo 3,14). Através desta associação, o corpo de Jesus sobre a Cruz é interpretado como o corpo da cobra (nu como o dele) fixado num poste. A cobra que se dissimula e esconde é imagem adequada do pecado. A exibição («elevação») daquilo que estava dissimulado retira-lhe a sua nocividade: é assim que se processa a cura. Também o Servo de YHWH será «elevado» (*hypsôô*) por Deus (Is 52,13). A sobreposição da cobra e do Servo e do Filho mostra-os como imagens do pecado. Sobre o Filho, ver ainda Rm 8,3 (enviado numa «carne semelhante à do pecado»); Gl 3,13 («feito maldição» por nós); 2 Cor 5,21 («fê-lo pecado por causa de nós») ³⁰.

No oráculo da sua vocação, o profeta Isaías é mandado falar para que o povo «não se converta e não seja curado» (Is 6,10). É claro que este oráculo anuncia o fracasso da profecia, depois sancionado pelo processo e morte do Servo (Is 52,13-53,12), também paradoxal triunfo da profecia, que pode ser visto como o paradigma de todos os profetas. Jesus reúne em si os dois, o profeta e o servo ³¹. A Cruz, que é sabedoria (*sophía*) de Deus (1 Cor 1,18-25), faz ver que a malvadez existe, e que é preciso vê-la, descobri-la, reconhecê-la, denunciá-la, para dela sermos curados. A Cruz faz ver ainda que Deus ama com um amor tão radicalmente subversivo que oferece o perdão à nossa malvadez, quebrando assim a espiral da nossa violência, em que à violência apenas tínhamos para oferecer mais violência. A Cruz é um espectáculo que converte ³². Na sua poderosa impotência ³³, o Crucificado é a parábola que faz ver (*ideîn*) até perder de vista, até onde a vista não alcança, bem dentro de nós, a crueza da nossa malvadez, e n'Ele, em Deus, a força subversiva e nova do amor e do perdão.

A parábola não é impositiva: não arromba portas. Bate à nossa porta, para que possamos abri-la por dentro.

²⁹ P. BEAUCHAMP, *La loi de Dieu*, p. 230-245; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo*, p. 158-167.

³⁰ P. BEAUCHAMP, *La loi de Dieu*, p. 231-232.

³¹ P. BEAUCHAMP, *La loi de Dieu*, p. 241.

³² B. MAGGIONI, *Era veramente uomo*, p. 159-160.

³³ Ver também D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Deus quis criar criadores e remir redentores*, in *Igreja Portucalense*, 37, 1977, p. 5-13.

Deus, a consciência, a Igreja e o mundo

Escreve, de forma e clara e limpa, D. António: «Ou a Igreja é, ao menos em germen e aspiração, o “Reino de Deus” pregado por Cristo, ou Cristo fracassou e as Suas promessas foram falazes. Ou a Igreja é o Reino da consciência e a pátria da liberdade ou não é e não poderá ser o “Reino de Deus”»³⁴.

Lê-se, exemplarmente, na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, n.º 16: «No íntimo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se deu a si mesmo, mas à qual deve obedecer, e que é como uma voz que o está sempre a chamar a escolher o bem e a fugir do mal, e que diz claramente aos ouvidos do coração: faz isto, evita aquilo. Na verdade, o homem tem uma lei escrita por Deus dentro do seu coração: obedecer-lhe constitui a sua própria dignidade, e é de acordo com ela que será julgado. A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, onde ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa na própria intimidade. Através da consciência faz-se conhecer de modo admirável essa lei, que tem o seu cumprimento no amor de Deus e do próximo».

A propósito desta «voz da consciência», comenta certamente Carmine di Sante, é preciso entender que este genitivo não tem valor de proveniência (voz que vem da consciência) nem de destinação (voz dirigida à consciência), mas de constituição, sendo, portanto, essa voz que faz emergir a consciência, o que mostra a consciência como o lugar do «saber-se originário», saber-se na companhia de Deus e sob a sua senhoria, não podendo, portanto, falar-se de auto-consciência, uma vez que não provém do horizonte humano³⁵. Nem de auto-consciência, nem de autocracia nem de auto-suficiência. Ser homem é receber-se e aceitar-se. Na mesma linha de ideias, prossegue Armido Rizzi que a consciência não é, então, um órgão de que o homem seja natural e nativamente dotado, mas é o próprio e-vento da Palavra de Deus, Senhor da existência, que, com a sua «voz» ou palavra, dá a vida no próprio acto com que chama à obediência³⁶. A voz da consciência é a voz que não é letra nem um som, uma voz que não faz

³⁴ D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, *Igreja e liberdade*, in *Igreja Portucalense*, 36, 1977, p. 9.

³⁵ C. DI SANTE, *Il Padre Nostro. L'esperienza di Dio nella tradizione ebraico-cristiana*, Assis, Cittadella, 1995, p. 82.

³⁶ A. RIZZI, *Differenza e Responsabilità. Saggi di antropologia teologica*, Casale Monferrato, Marietti, 1983, p. 242.

vibrar o ar, voz de Deus criadora e silenciosa, som que nunca se ouviu³⁷, silêncio que nunca se calou³⁸. É o sentido, que não faz barulho, que é preciso colher na letra e no som, que está na letra e no som, múltiplos por natureza, mas para além da letra e do som³⁹.

E Rizzi prossegue com expressões muito próximas do pensamento de D. António: «há um lugar onde a Igreja e o pagão se encontram: a boa vontade»⁴⁰, sendo «a consciência o lugar onde se institui a boa vontade do homem»⁴¹. Donde se pode concluir que «fora da consciência não há salvação»⁴².

A tarefa da Igreja fiel e obediente é, então, evangelizar. E, na expressão feliz da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* [= EN]⁴³, seguida pela Instrução *Diálogo, e Anúncio* [= DA]⁴⁴, «Evangelizar é levar a Boa Nova a todos os estratos da humanidade, e, com a sua influência, transformar desde dentro, tornar nova a própria humanidade», o que se traduz em «converter a consciência pessoal e ao mesmo tempo colectiva dos homens, a actividade em que estão empenhados, a vida e o ambiente que lhes são próprios» (EN, n.º 18; DA, n.º 8). Trata-se, em última análise, para usar a expressão feliz do Livro dos Actos dos Apóstolos (8,35), de «evangelizar Jesus» (*euaggelízomai tôn Iêsoûn*), o seu nome, o seu ensinamento, a sua vida, as suas promessas, o seu Reino, o seu mistério (EN, n.º 22). «Evangelizando Jesus», a Igreja continua a missão evangelizadora de Jesus (EN, n.º 15), sendo que a missão de evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, de toda a Igreja, a sua identidade mais profunda (EN, n.º 14).

³⁷ P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, Paris, Seuil, nova reimpressão, 2001, p. 243. De facto, Deus permanece silencioso, pois o que eles «verão» é «o que não lhes foi contado», e aquilo a que «assistirão» é «o que não ouviram» (Is 52,15). R. MEYNET, *Mort et ressuscité selon les Écritures*, Paris, Bayard, 2003, p. 131.

³⁸ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. I. Essai de lecture*, Paris, Seuil, nova reimpressão, 2000, p. 159.

³⁹ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, Paris, Seuil, 1987 (nova impressão, 2003), p. 68-69.

⁴⁰ A. RIZZI, *Differenza e Responsabilità*, p. 236.

⁴¹ A. RIZZI, *Differenza e Responsabilità*, p. 237.

⁴² A. RIZZI, *Differenza e Responsabilità*, p. 244; A. RIZZI, *Gesù e la salvezza. Tra fede, religioni e laicità*, Roma, Città Nuova, 2001, p. 102.

⁴³ De Paulo VI, de 8 de Dezembro de 1975.

⁴⁴ Do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e da Congregação para a Evangelização dos Povos, de 19 de Maio de 1991.

Mas, para pregar e evangelizar, a Igreja deve assumir uma postura correcta face ao mundo e a cada homem. Não uma postura judicial. Mas tão-pouco enfezada, enviesada, distorcida ou desconfiada. Uma tal posição, sempre doentia, levará o homem e o mundo a colocarem-se perante a Igreja em idêntica posição distorcida e desconfiada, estéril e geradora de conflitos e equívocos. O relato de Gn 12,1-3 diz-nos que Abraão será uma bênção (ele é abençoado sem condição) para todas as nações da terra, sendo estas abençoadas sob condição (a de abençoar Abraão), pois se o amaldiçoarem serão malditas («Abençoarei os que te abençoarem; amaldiçoarei os que te amaldiçoarem») (Gn 12,3). Abraão, eleito para ser portador da bênção, fica, pois, ligado à história universal, um face a todos. Não para se fundir ou confundir com o universal, mas para instaurar face a ele a diferença da eleição⁴⁵. Também não é para perverter a eleição, querendo a bênção só para si, e julgando os outros indignos dela⁴⁶. É notório que as nações olharão para Abraão pela óptica com que forem por ele olhadas. Paradigmática é a chegada de Abraão, pouco depois, ao Egipto (Gn 12,10-20) e a Gerara (Gn 20,1-11). Encarando os egípcios com desconfiança e coração mentiroso (Gn 12,12-13), acarreta igual comportamento por parte dos egípcios. E, por causa disso, não é a bênção, mas a maldição, que recai sobre eles (Gn 12,17)⁴⁷. Com igual dose de mentira, desconfiança e maus juízos (Gn 20,11), abeira-se Abraão da cidade-estado de Gerara, perto de Gaza, e encontra-se com o seu rei, Abimelec. A postura incorrecta de Abraão levaria a Abimelec e ao seu povo, não a bênção, mas a maldição (Gn 20,9-10). Valeu a Abimelec, que até se vem a revelar homem de boa consciência (Gn 20,5-6), a intervenção correctora de Deus (Gn 20,3-6).

Do mesmo modo, a Igreja é portadora de bênção para todos os homens. Para não se transformar em fonte de maldição, deve assumir a responsabilidade da diferença da sua eleição e apresentar-se sempre com uma atitude de humildade, bondade, verticalidade e verdade.

Penso que foi desta maneira diferente que D. António passou por este mundo.

ANTÓNIO COUTO

⁴⁵ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 254-259.

⁴⁶ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 260.

⁴⁷ Ver P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 257-262; P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. II. Accomplir les Écritures*, Paris, Seuil, p. 250-264; A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut. Réflexions exégétiques et théologiques sur Genèse 12 dans son contexte narratif*, in *Revue théologique de Louvain*, 27, 1996, p. 3-24, esp. p. 19-24.

A Educação, missão essencial da Igreja

Nas antevésperas da sua viagem à Baviera, Bento XVI concedeu uma entrevista a algumas estações alemãs de televisão. A última questão dos jornalistas prendeu-se com as tarefas da Igreja no mundo contemporâneo. Perguntaram-lhe porque é que a Igreja insiste tanto nos aspectos morais quando, segundo eles, o que é preciso são tentativas concretas de solução e respostas técnicas para os graves e urgentes problemas da humanidade como, por exemplo, a sida e a sobrepopulação em África. E o Papa, com um sorriso de condescendência, interrogou-se se, de facto, a Igreja está mesmo a pregar a moral tanto como deveria, ajuntando um dado evidente: a qualidade e o timbre moral da humanidade não tem crescido ao mesmo ritmo do desenvolvimento técnico e científico. E que para chegar a este desejável e indispensável crescimento moral, só existe um meio: a educação. Por isso, Bento XVI sintetizou: “A questão fundamental [...] chama-se educação”¹.

Lembrei-me desta passagem da entrevista do Papa porque este pensamento coincide completamente com o de D. António. Só que o do Bispo do Porto foi formulado mais de meio século antes. Mas essa distância no tempo nem sequer diferencia os conceitos e os seus pressupostos de fundo.

¹ *Intervista radiotelevisiva in preparazione al viaggio in Baviera: Il Regno/Documenti* 15 (2006) 480. Logo de seguida, o Papa especifica: “O progresso só pode ser verdadeiro progresso se serve a pessoa humana e se a própria pessoa humana cresce; se não cresce só o seu poder técnico, mas também a sua capacidade moral. E penso que o verdadeiro problema da nossa situação histórica seja o desequilíbrio entre o crescimento incrivelmente rápido do nosso poder técnico e o da nossa capacidade moral, que não cresceu em modo proporcional. Por isso, a educação da pessoa humana é a verdadeira receita, direi mesmo, a chave de tudo, e esta é a nossa via. [...] É isto o que nós procuramos”. *Ib.*, 481.